

Do 'Vive la France' ao convite da ONU

Em oito anos, 350 dias no exterior e prestígio nas discussões internacionais

Agência Brasil/30-10-2001



FERNANDO HENRIQUE no Parlamento da França, em 30 de outubro de 2001: primeiro presidente da América Latina a discursar na Assembléia Nacional Francesa, foi aplaudido de pé, após falar em francês por uma hora e 35 minutos. Entusiasmado com os aplausos, agradeceu, no fim do discurso com um "Vive la France" e recebeu um abraço do primeiro-ministro, Lionel Jospin

• BRASÍLIA. Um presidente do mundo, que fez tantas viagens aos EUA e à Europa e que surpreendeu os franceses ao discursar em francês no Parlamento, encerrando com um "Vive la France". Nos oito anos de governo do presidente Fernando Henrique, o Brasil passou de ter papel de destaque nas grandes discussões internacionais. O presidente visitou quatro dos cinco continentes e fez o país ganhar espaço e credibilidade em organismos como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Organização das Nações Unidas (ONU).

Criticado pela oposição pelas 90 viagens ao exterior em oito anos de mandato — 350 dias fora do Brasil, visitando 96 cidades em 42 nações, numa média de 5,6 viagens internacionais por ano — Fernando Henrique construiu uma imagem de líder dos países da América do Sul e estreitou laços com líderes com o ex-presidente dos EUA Bill Clinton; o primeiro-ministro da Inglaterra, Tony Blair; o presidente da França, Jacques Chirac; e o chanceler da Alemanha, Gerhard Schroeder.

Como resultado, Fernando Henrique foi convidado pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan, para assumir uma missão especial na entidade. E foi justamente na ONU que encerrou seu roteiro de presidente-viajante: no dia 9, recebeu o Prêmio Mabub ul Haq por Contribuição Notável ao Desenvolvimento Humano. No governo, foi ainda homenageado com 18 títulos de doutor *honoris causa*.

Uma das viagens mais marcantes foi a terceira a Paris, em outubro de 2001. Primeiro presidente da América Latina a discursar na Assembléia Nacional Francesa, foi aplaudido de pé, após falar por uma hora e 35 minutos. Entusiasmado com os aplausos, agradeceu, no fim do discurso com um "Vive la France". Dias antes, Fernando Henrique já surpreendera ao defender na abertura da "Conferência sobre transição e consolidação democráticas", em Madri, a criação do Estado palestino.

Guerras comerciais contra superpotências

• Nunca a política externa brasileira foi tão ativa. O Brasil deu início a guerras comerciais com grandes potências, como os EUA, a União Européia e o Canadá. No campo político, o país assumiu um papel de liderança na América Latina, ao defender a manutenção dos princípios democráticos em nações como o Peru e a Venezuela, chegando a bater de frente com os americanos.

Após décadas de reserva de mercado, a indústria brasileira foi forçada a se tornar competitiva para fazer frente às concorrentes internacionais, o que incomodou parceiros como o Canadá, no caso dos aviões da Embraer. O discurso adotado pelo presidente Fernando Henrique foi contra qualquer tipo de protecionismo, principalmente às exportações de produtos agrícolas.

Com essa bandeira, o Brasil arrebanhou

os sócios do Mercosul (Argentina, Paraguai, Uruguai) e conseguiu apoio, nas rodadas multilaterais da OMC, dos países que fazem parte do chamado Grupo de Cairns (contra os subsídios agrícolas). Essa luta será herdada pelo novo governo.

Também na OMC, o governo Fernando Henrique venceu e perdeu batalhas importantes. Ganhou uma briga com os EUA, abrindo mercado para a gasolina brasileira. Foi obrigado a reduzir os subsídios para aeronaves da Embraer, mas conseguiu que a OMC condenasse alguns programas canadenses que beneficiavam a Bombardier.

O Brasil também obteve apoio da Índia, África do Sul e algumas nações européias contra as pressões dos americanos em

torno da lei de patentes brasileira. Foi aprovado um documento permitindo a quebra da patente de remédios para preservar o acesso da população.

O relacionamento comercial com os EUA nunca foi tão conturbado. Cresceu o número de contenciosos, com destaque para as medidas antidumping contra o aço brasileiro e as barreiras técnicas a itens importantes da pauta de exportações brasileiras, entre os quais o suco de laranja, carnes e frutas.

Mas as maiores brigas ocorreram com a Argentina, por causa da mudança da política cambial brasileira, e foram, em sua maioria, protagonizadas pelo ex-ministro da Economia Domingo Cavallo. Certa vez, quando o governo argentino adotou uma

medida protecionista, a reação de Fernando Henrique foi tão forte, que o então presidente Carlos Menem revogou a medida e veio ao Brasil pedir desculpas ao colega brasileiro.

O Brasil também adotou um comportamento mais ativo no processo de independência do Timor Leste, em 1999 e pronunciou-se a cada novo conflito no Oriente Médio. Defendeu ainda uma solução negociada para o conflito entre EUA e Iraque.

Fernando Henrique realizou, em 2000, um encontro de chefes de Estado da América do Sul e do Caribe. A principal decisão foi a aprovação de uma cláusula que prevê punições ao país que romper com a democracia. ■

Intrigalhada

• Tucano não precisa de inimigo. Ele é auto-suficiente até para isso.

A vida no ninho deles é mais do que uma festa. É um poema. FH fala mal de Paulo Renato para Serra ("Essa candidatura é uma piada"), que fala mal de Aécio para Tasso ("Ele foi ingênuo demais com essa história dos R\$ 7 mil para os deputados"), que fala mal de FH para Paulo Renato ("Quando ele me liga sem motivos, é porque vai aprontar alguma contra mim"), que conta tudo para FH, que recomeça tudo de novo, falando mal de Serra para... (11/08/2001)

Prenda Minha

• Com uma só palavra, de apenas seis letras, mas pronunciada como se tivesse mil, um dos maiores gênios da MPB definiu, numa conversa em que o assunto era política, o ministro da Saúde, José Serra: — Meetido! (10/12/2001)

Bisturi

• O ministro Sérgio Motta anda impaciente. Reclama de tudo e de todos. Quase acaba com a última reunião ministerial ao pensar em voz alta na hora da exposição de seu colega Adib Jatene:

— Poxa, vida! Já estou há dois anos nesse governo e nunca vi esse homem falar uma vez em saúde. Só números... (31/08/96)

Sai de baixo

• Não convidem para a mesma pesquisa de campo o mago João Francisco, da Vox Populi, e Antônio Lavareda, da MCI.

Só no governo FH é que acontece isso: os dois estão brigando, aos tapas, para ver quem registra mais rapidamente a queda de popularidade do presidente da República. (10/04/99)

Por baixo do pano

• FH não cortou de vez seus laços com o PT. (1/5/99)

RETROSPECTIVA

Nhenhenhém

JORGE BASTOS MORENO • de Brasília



O elefante e a formiguinha

• O senador José Sarney voltou de seu périplo pelo Maranhão e pelo Amapá entusiasmado com a própria popularidade. Contou para os colegas, em detalhes, como o povo tinha saído às ruas espontaneamente para saudá-lo. Disse que chegou a correr risco de vida quando os fãs, enlouquecidos, tentaram levantar o ônibus em que ele se encontrava.

— E tinha muita gente dentro do ônibus? — quis saber o senador Belo Parga.

— Não, só eu e a Xuxa. (17/08/96)

Olimpico

• Ainda em clima de Olimpíada, Fernando Henrique ouvia um amigo contar o que tinha representado, para o ministro Gustavo Krause, peladeiro nas horas vagas, tomar posse ao lado de Pelé e chamá-lo de colega.

— Emocionou-se tanto que ficou parado — disse o amigo.

— Aliás, está assim até hoje — arrematou o presidente, que não ia perder a oportunidade frente a frente com o gol. (17/08/96)

Roseana e a sucessão

• A senhora pensa em ser candidata?

— Não, porque tenho a eleição garantida para o Senado.

Do jeito que está, FH faz seu sucessor?

— Se o PFL, o PMDB e o PSDB se unirem, a base política, e não ele, faz o sucessor. (8/07/2000)

Saudades

• Depois do velório de João Amazonas, Lula foi a Rio Claro, terra de Ulysses.

Na homenagem ao "velhinho", o petista definiu que PMDB deseja:

— O PMDB que eu quero é o PMDB de Ulysses Guimarães, não o que se curva aos favores e às benesses de Fernando Henrique Cardoso.

Fama

• Depois de sua exposição na comissão da reeleição, o ex-ministro Ciro Gomes encontrou-se com a professora Maria da Conceição Ta-

vares no cafezinho da Câmara:

— Ciro, você está cada dia falando melhor.

— Obrigado, professora — antecipou-se, agradecido, o ex-ministro.

— Sério. É você e o José Genoíno que melhoram a cada dia. E quanto mais vocês dois falam, menos eu acredito em vocês dois.

As copeiras ficaram coradas. (30/11/96)

Perigo

• Em sua recente viagem à Itália, o presidente Fernando Henrique foi convidado a visitar, em Roma, um dos locais mais freqüentados por turistas: a casa de Nero.

Mas FH recusou:

— É melhor que eu não vá. Se eu for, corro o risco de, na volta, querer incendiar Brasília.

No que, imediatamente, completou um integrante de sua comitiva:

— É melhor deixar essa missão para o governador Roriz, que a está cumprindo tão bem. (18/12/99)